

Poder, amor, posse, Montaigne e Maquiavel

O poder não tem limites.

Tiberius Caesar

A palavra *poder* emerge do indo europeu **poti*, que indicava a figura do chefe tribal – aquele que submetia as outras pessoas. O seu poder face aos outros não era apenas uma questão de força, pois fisicamente uma pessoa não é capaz de submeter um grupo de outras.

A raiz indo europeia de **poti*, **p*, indicava a idéia de *purificação* – daí, ainda, as nossas palavras

inconscientemente negociando uma espécie de dívida, ainda que a ela seja sutil e aparentemente inexistente. A alegria daquele que recebe implica uma dívida, que estabelece laços de obrigação, laços de fraternidade.

Por isso, diz-se que uma pessoa que não agradece pelo recebimento de um presente é mal educada, rude.

Mas, não é isso o que acontece com o poder. Com ele não há troca, não há dívida que possa ser saldada, mas apenas um servir de *mão única*. No poder não há lugar para *agradecimento*, mas sim para algum tipo de *veneração*, ainda que, por vezes, aconteça de forma sutil e escondida.

Quando alguém exerce poder sobre outra pessoa através de presentes e favores, esse *controle* através da obrigação indica que há um desequilíbrio na ação, uma dívida.

Mas, não se trata de controle mecânico, pois

Não há poder sem identidade, sem diferença.

Quando o poder é estabelecido pelo repertório, pelo conhecimento – tal como defendia Francis Bacon – há um outro tipo de entorpecimento, mais instável, volátil e poderoso.

Aqui, o consentimento emana como espécie de livre vontade daquele que segue e, se não todos, muitos de nós já o experimentamos junto aos nossos mestres mais queridos – trata-se de um outro nível de *amor*.

Quando tal acontece, temos – também essencialmente – um jogo de *soma não zero*. Não há perdedores ou ganhadores no amor.

As remotas origens da palavra *amor* estarão no indo europeu **kam* – que indicava, na sua raiz, a idéia do *movimento cósmico*, do *envolvimento da vida* e, assim, também a *felicidade*. Dessa antiga raiz, emergiram as palavras *céu*, *cielo* em italiano,

Ela teria sido, segundo uma das tradições, filha de Urano, personificação do céu, das estrelas, do cosmos, do que se conhece na Natureza. Urano era o elemento fecundo, nascedouro por excelência. Pois teriam sido os seus órgãos sexuais, provedores da potência do nascimento, que – cortados por Cronos, o tempo – caíram nas mais profundas águas do mar e delas, nascida das imprevisíveis ondas, surgiu Afrodite.

A potência do nascimento das coisas que, mergulhada em águas profundas, faz surgir uma deusa, deusa do maravilhamento, do envolvimento total, da eliminação de fronteiras precisas. Nada disso seria possível sem o repertório, o conhecimento, que é fornecido pelo tempo, na figura de Cronos, que é elaboração, construção – pois sem a emergência de elementos diferenciais não há tempo, não há percepção.

O mesmo corte desferido por Cronos, elemento de interrupção, movimento descontínuo, possibilitou a potência do nascimento.

No amor, se entrelaçam as idéias de tempo, de maravilhamento, de descoberta, de cognição, de construção e de repertório.

O repertório manifesta, ainda, duas faces, uma positiva e outra negativa. O poder *positivo* por ele emanado indica a submissão voluntária face à admiração, ao amor. Acontece quando nos encantamos com o conhecimento do outro.

Já o poder *negativo* do repertório ocorre quando alguém se julga mais importante do que o outro, considerando-se mais conhecedor e, portanto, *superior*. A consciência de saber mais sobre algo não dá à pessoa a automática qualificação de ser superior. Muitas vezes essa situação não é aceita pelas outras partes e aquele que se julga detentor de um tal poder não raramente é simplesmente considerado arrogante. Pois em termos etimológicos a palavra *arrogante* significa exatamente aquele que *roga* ou *chama para si* valores que não lhe pertencem.

O fato do repertório possuir essas duas faces, uma positiva e outra negativa, acontece simplesmente porque tudo o que existe tem uma natureza dual.

Isso não significa dizer que o domínio de repertório implica automaticamente alto poder. Muitos sábios simplesmente desapareceram no esquecimento e nunca tiveram qualquer poder durante as suas vidas.

Tratando-se do poder *positivo* emanado do *repertório*, estarão as suas raízes em algo que poderá enriquecer uma comunidade, um amigo, um líder – um *conteúdo*, tal como evidenciou a literatura – ou será a *fama*, que é a *presença sem corpo*, superficial.

A expressão grega dórica *phama*, de onde surgiu a palavra *fama*, significava algo que é *revelado*, *divulgado*, e apenas mais tarde se tornaria mito, já em Roma, tão magnificamente

Face a essa enigmática, encantadora e etérea presença – como a voz – muitos fazem o que ela desejar, obedecendo sem necessidade de troca.

Ao contrário da superficialidade que caracteriza a fama, o repertório – enquanto domínio de idéias e estratégias – implica um contínuo exercício de descoberta, no desvendar das relações entre todas as coisas.

Maquiavel defendia que «um príncipe não deve temer a má fama de ser cruel, desde que por ela mantenha os seus súditos unidos e leais...» e colocava uma séria questão: «se é melhor ser temido que amado, ou o contrário? A resposta é de que seria necessário ser ambas as coisas; mas, como é difícil as reunir, é muito mais seguro ser temido do que amado».

Mas, há uma terceira categoria de poder que, num certo sentido, implica as outras duas: a *posse*.

Quando se possui bens materiais, também aparentemente se possui aquilo que eles *são* – e tudo é, em última instância, conhecimento.

Trata-se de uma ilusão pois, como ensinou Marcel Proust, aquilo que conhecemos não nos pertence. Assim, não se trata propriamente de repertório, mas da posse material de elementos de conhecimento, sem *conhecer* mas *sendo*. Portanto, tal como a fama, a posse também é, essencialmente, um processo de segunda instância, um fenômeno superficial.

Por isso, quando se dá um presente a alguém e, de alguma forma, este não ainda não retribuiu, torna-se em dívida para com aquele e, num certo sentido, submetido ao seu poder.

Mas, da mesma forma que acontece com a *fama*, a *posse* também implica uma espécie de omnipresença, na medida em que tudo o que se possui trás em si os laços de significação com outras coisas, traços de identidade.

Para além da violência, outra das soluções mais comuns para a busca de identidade é o consumo.

Por isso, sociedades com um baixo sentido de identidade entre os seus indivíduos, geralmente mais violentas, muitas vezes acabam por também se revelar fortemente consumistas.

Possuímos um automóvel da moda, por exemplo, e ele é um artefato conhecido das pessoas, faz parte do imaginário coletivo, da rede de inteligência. Uma pessoa que possui muitas coisas é um verdadeiro acumulador de referências. Quando identificadas, essas referências são tomadas como indicadores de conhecimento, não em termos pessoais – pois, em algum sentido, os objetos se tornam *conteúdo* das pessoas.

A identidade gerada pelo consumo é degenerada, fenómeno de segunda instância, tal como acontece com a metáfora e, portanto,

os privilégios do chefe. Um dos indígenas, ele próprio um chefe, respondeu orgulhosamente: ser o primeiro a caminhar para a guerra.

Em certas tribos indígenas brasileiras, o papel fundamental do chefe é nada possuir. Assim, ele se torna o receptor exclusivo de todas as oferendas destinadas à tribo e assume a função de *distribuidor* entre os membros da comunidade. Ele conhece bem cada pessoa e pode facilmente detectar as mais diferentes necessidades entre as mais diversas personalidades.

A acumulação de bens como manifestação de dominação acontece de forma mais evidente nas sociedades letradas, onde o conteúdo, a predicação, a ilusão da contiguidade se manifestam como traço cognitivo fundamental.

Por essa via, ao longo de milhares de anos, esse misterioso e complexo fenômeno conhecido como *poder* tem sofrido as mais ricas variações combinatórias de todos esses elementos.

O antropólogo Arjun Appadurai reforçaria a idéia de o consumo ser fundamentado no princípio da *repetição*, «porque o corpo é a arena íntima para as práticas de reprodução».

Todo o processo cognitivo é fortemente fundamentado na *repetição*, tal como já mostrara com clareza Freud. Num pequeno livro sobre a história do *design* do tempo, de 1983, eu fiz algumas reflexões sobre a *repetição* como elemento cognitivo básico.

O mais interessante, entretanto, é resgatar as idéias de Appadurai quanto a uma relação biológica, metabólica, entre o princípio de *reprodução* – mesmo a reprodução celular – e o consumo, tudo ligado à *repetição*.

Existindo, portanto, uma tal relação entre objeto e pessoa, quanto mais trocas de objetos, maior a sensação de rejuvenescimento. Por isso, Claude Lévi-Strauss dizia que os americanos

do poder e os seus possíveis enfeixamentos combinatórios.

Enquanto que para os índios brasileiros visitados por Montaigne era perfeitamente natural o papel do chefe ser o primeiro a se sacrificar – tal como acontecia com o Mahatma Gandhi quando defendia que «presidente significa servidor chefe» – Maquiavel defendia existirem duas formas básicas para um príncipe preservar a subserviência dos seus súditos: através das leis ou pela força.

Poder não é substantivo, mas relacional. Quando tratamos de poder, tratamos sempre de relações, tal como acontece quando lidamos com a linguagem, qualquer que seja a sua natureza.